

foradeserie.pt

VISTA ALEGRE dois séculos ao *lume*

A Vista Alegre nasceu de uma ousadia industrial e atravessou dois séculos sem perder o vínculo à mão, à arte e à ambição internacional. Em Ílhavo, a porcelana continua a ser matéria viva.

— Bruno Lobo

A Vista Alegre tem hoje mais de dez mil referências em produção. “É obra”, comenta Teodrico Pais, administrador e diretor da fábrica, com algum eufemismo. Gerir tamanha diversidade exige, nas suas palavras, “um modelo de produção muito eficiente, incompatível com ritmos puramente artesanais”. Não que o trabalho manual tenha desaparecido – o serviço Herança, por exemplo, continua a ser pintado inteiramente à mão – mas a preços que ultrapassam facilmente os quatrocentos euros por prato. Há um limite entre o que o mercado admira e o que consegue absorver, explica: “Procuramos diferenciação, mas não podemos torná-la tão exclusiva que os custos se tornem insuportáveis.”

As séries limitadas terão sempre o seu espaço, mas a produção industrial é a espinha dorsal da empresa, até por razões de durabilidade: “A estampagem resiste melhor do que a pintura manual”, explica. Algo relevante em peças de uso diário.

A fábrica continua a apostar nos serviços personalizados, sobretudo para hotelaria e restauração, mas também para “uma vintena de clientes particulares” por ano, cujos nomes infelizmente permanecem confidenciais.

Uma grande parte da longevidade e sucesso da Vista Alegre explica-se por esta capacidade de permanecer relevante ao longo do tempo, ajustando o design ao espírito da época, sem perder a perceção de qualidade. Um exercício de equilíbrio entre tradição e modernidade que não terá sido fácil manter ao longo de mais de 200 anos.

Visitar a fábrica em Ílhavo – onde trabalham cerca de 600 trabalhadores, curiosamente o mesmo número que em 1924, ano do centenário – também é fazer essa viagem no tempo. Os velhos fornos a lenha continuam de pé – dois deles, pelo menos –, com as paredes vitrificadas por décadas de uso. Será impossível não admirar essas relíquias, mas igualmente de imaginar como seria carregar e descarregar aquelas câmaras, sob temperaturas abrasadoras. “O processo de cozedura durava uma semana; hoje faz-se em seis horas,” explica Filipa Quatorze, curadora do Museu da Vista Alegre.

Mas antes do fogo ainda temos a água, porque quase toda a porcelana começa numa pasta líquida moldada em diferentes formas. Depois todas as peças – da estátua mais delicada ao prato mais simples – passam por um acabamento manual, para corrigir imperfeições





E o tratamento dado aos trabalhadores foi outro traço onde mostrou a sua distinção, oferecendo contratos de trabalho, raríssimo na época, e criando uma vila operária com escola, creche, teatro (inaugurado em 1826 e ainda ativo), apoio médico e corpo de bombeiros.

Para Filipa Quatorze, tudo isto revela mais do que visão empresarial: revela vontade de deixar memória e identidade num setor percebido como de prestígio. Desde cedo houve preocupação com o valor emocional das peças e uma forte ligação à arte. O primeiro diretor criativo foi o francês Victor Rousseau, e a relação com artistas nunca cessou: Almada Negreiros, Cargaleiro, Raul Lino, Sam Baron, Marcel Wanders ou Joana Vasconcelos fazem parte de uma história que também mostrou a sua vocação internacional desde muito cedo, com presença na Exposição Universal de Londres em 1851 e reconhecimento em Paris em 1867.

Hoje, 75% da produção destina-se aos mercados externos, em mais de oitenta países. A empresa mantém mesmo filiais em sete deles, sendo que os próximos anos passam, como nos explica Nuno Barra, diretor de Marketing, "por três grandes apostas. Sustentabilidade, consolidação internacional e a afirmação como marca de estilo de vida".

A expansão passará muito por mercados mais tradicionais, onde a Vista Alegre já tem uma forte imagem de marca, casos de Espanha, Brasil ou Estados Unidos, mas também por um reforço da presença no Médio Oriente – onde Cristiano Ronaldo, que assumiu recentemente uma participação de 10% terá naturalmente um papel de relevo. A vertente de Estilo de Vida também já tem forma e passa pelo mobiliário, através de uma parceria com a Pininfarina, e pela moda. Neste caso, sobretudo com *carrés* e *écharpes* com design português e produção italiana, sendo a inspiração o próprio arquivo da marca, onde dois séculos de arte acumulada esperam uma nova vida.

que nenhuma máquina resolve. Em certos casos um molde é suficiente, mas outras necessitam de cinco, seis ou mais, laboriosamente "colados" à mão, com precisão.

A ousadia antes da fórmula

O fundador, José Ferreira Pinto Basto, era um homem com uma visão rara no Portugal do início do século XIX. Começou a comprar os terrenos onde a fábrica ainda hoje permanece muito antes de ter pedido a autorização ao rei para o efeito. Sabia que precisava de espaço, acesso a um curso de água, e floresta para alimentar os fornos, e o local cumpria todos esses requisitos. Quando finalmente pediu autorização a D. João VI para ali montar uma "grande fábrica de louça, porcelana, vidraria e processos químicos", omitia que nem ele, nem ninguém em Portugal, sabia como produzir porcelana. É uma das ironias da história - fomos os primeiros europeus a ter contacto com as peças chinesas e a comercializá-las pela Europa, mas nunca tivemos curiosidade em perceber o que estava por detrás. A fórmula viria mais tarde, de uma visita a Sèvres, em França, quando descobriu que tinha de juntar *feldspato*, quartzo e caulino. A sorte também ajudou, pois acabou por descobrir grandes jazidas de caulino perto da fábrica.

Na carta ao rei percebe-se ainda a ambição de criar um negócio para a família, explicando que a fábrica seria "de todos os filhos, com igual interesse". E tinha uma prole de 15, o que terá certamente obrigado a grandes compromissos entre as gerações vindouras. Certo é que a Vista Alegre se manteve sob controlo familiar durante quase dois séculos, passando apenas em 2009 para o grupo Visabeira.

